

Estrutura e acontecimento no ensino decolonial da língua  
portuguesa: uma abordagem discursiva /  
*Structure and discourse in the decolonial teaching of the  
Portuguese language: a discursive approach*

*Elaine Pereira Daróz \**

Doutorado em Estudos de Linguagem (UFF), com estágio doutoral na Université Sorbonne Nouvelle, Paris III. Pós-doutorado em Análise do discurso (USP). Professora/Pesquisadora na Universidade Católica de Pernambuco. Realiza pesquisas centradas na abordagem da Análise do discurso materialista, com ênfase na relação sujeito e língua, e o feminino no entrelaçamento entre história e memória.

 <https://orcid.org/0000-0001-6084-7850>

*Kauan Douglas Gama dos Santos \*\**

Graduando em Letras (Português/Inglês), Licenciatura plena, na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

 <https://orcid.org/0009-0000-7920-5372>

**Recebido em:** 07 abr. 2024. **Aprovado em:** 20 mai. 2024.

**Como citar este artigo:**

DARÓZ, Elaine Pereira. DOS SANTOS, Kauan Douglas Gama. Estrutura e acontecimento no ensino decolonial da língua portuguesa: uma abordagem discursiva. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 13, n. 2, p. e2304, mai. 2024. Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.11362282>

**RESUMO**

Observamos que, ainda, predomina uma perspectiva descritiva no ensino da língua portuguesa no Brasil, centrada na supervalorização da norma padrão. Compreendemos que tal abordagem possibilita a perpetuação de uma hierarquia entre os diferentes modos de falar existentes no nosso país, produzindo implicações nas questões identitárias dos sujeitos na sua relação com a língua e a sua história. O objetivo deste artigo é destacar como a literatura, em especial a literatura regionalista, pode contribuir para o ensino e aprendizado do português numa perspectiva decolonial. Para isso, filiamos-nos aos princípios teórico-analíticos da Análise do Discurso de vertente materialista, na medida em que nos fornece maiores subsídios para uma reconfiguração das práticas de ensino de língua, tendo a historicidade como sendo elemento fundante. Sob esse viés, apresentamos uma atividade realizada como parte do projeto *Literatura para Todos(as)*, como uma possibilidade de trabalho com uma teoria em prática, com vistas a uma resignificação dos sujeitos em sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino da língua portuguesa; Decolonialidade; Análise do discurso materialista.

---

\*  [elaine.daroz@unicap.br](mailto:elaine.daroz@unicap.br)

\*\*  [kauandouglas510@gmail.com](mailto:kauandouglas510@gmail.com)

#### ABSTRACT

*We observed that a descriptive perspective still predominates in the teaching of the Portuguese language in Brazil, centered on the overvaluation of the standard norm. We understand that this approach enables the perpetuation of a hierarchy between the different ways of speaking in our country, producing implications for subjects' identity issues in their relationship with language and their history. The aim of this article is to highlight how literature, especially regionalist literature, can contribute to the teaching and learning of Portuguese from a decolonial perspective. To this end, we have drawn on the theoretical-analytical principles of Discourse Analysis from a materialist perspective, insofar as it provides us with greater support for a reconfiguration of language teaching practices, with historicity as the founding element. From this perspective, we present an activity carried out as part of the Literature for All project, as a possibility of working with a theory in practice, with a view to re-signifying subjects in society.*

**KEYWORDS:** Portuguese language teaching; Decoloniality; materialist Discourse analysis.

## 1 Introdução

“É preciso ousar pensar por si mesmo”

Michel Pêcheux

A literatura desempenha um papel fundamental no ensino do português, na medida em que possibilita uma variedade de textos que exemplificam as diferentes possibilidades de expressão da língua em funcionamento. Ao explorar as obras literárias em seus múltiplos aspectos - estrutural, composicional, temático – os(as) estudantes têm a oportunidade de vivenciar a língua(gem) em contextos diversos, desde narrativas ficcionais até poesia e ensaios, ampliando sua compreensão sobre o funcionamento linguístico, referente à sua estrutura linguística, bem como os diferentes efeitos de sentidos que se constituem no curso da comunicação.

A literatura de cordel, com suas características marcantes de narrativa rimada e ritmada, tem se mostrado uma ferramenta valiosa no ensino do idioma. Além de estimular o interesse dos(as) discentes pela leitura, o cordel contribui para uma aprendizagem mais significativa, na medida em que parte da experiência do sujeito com a língua, e não de um modelo de língua imposto pelo Estado. Com seus traços regionais, o cordel possibilita uma ponte entre a língua padrão e as ditas variantes da língua<sup>1</sup>, promovendo o reconhecimento e a valorização da diversidade linguística do país. Desse modo, os(as) discentes têm a oportunidade de entrar em contato com estruturas linguísticas, e discursivas, próprias de diferentes culturas, enriquecendo

---

<sup>1</sup> Trazemos a expressão “ditas variantes da língua”, na medida em que entendemos que o termo “variante” para a língua, já diz de uma categorização de língua que sinaliza a sua hierarquização face à então língua dita padrão, cuja aprendizagem nos bancos escolares carrega uma valorização (superior) em relação às diferentes possibilidades do dizer.

seu repertório linguístico e ampliando sua compreensão sobre a riqueza inerente à nossa pluralidade cultural.

No entanto, o ensino do português no Brasil ainda figura, majoritariamente, sob um viés prescritivo da norma padrão, reproduzindo uma hierarquia entre os diferentes falares presentes no nosso país. No presente artigo, objetivamos apresentar as contribuições da literatura regionalista para o ensino-aprendizagem da língua portuguesa numa perspectiva decolonial. Para isso, ancoramo-nos nos pressupostos teórico-analíticos da Análise do discurso de vertente materialista (AD), tendo em vista uma teoria em prática.

Ao considerarmos a AD como referencial teórico, promovemos um deslocamento da relação dicotômica entre a língua e fala, frequentemente presente nos bancos escolares, para pensarmos uma confluência entre estrutura, no que concerne à ordem interna da língua, e o discurso, concebido por Pêcheux (1988) como acontecimento, na medida em que um enunciado é sempre produzido a partir de condições de produção específicas e, portanto, irrepetível. A pensar nas contribuições da AD para a urgência de um ensino decolonial do português nos dias atuais, buscamos abordar alguns conceitos fundamentais da AD, entrelaçados à prática pedagógica referente ao projeto do projeto *Literatura para Todos(as)*<sup>2</sup>.

Nessa atividade extensionista, buscamos uma relação intrínseca entre a literatura de cordel - inscrita em condições de produção específicas inerentes ao espaço geriátrico onde se realizou a atividade - e a vivência dos sujeitos participantes com a língua (entre)laçada à sua história. Embora a atividade não tenha ocorrido nos domínios de um ambiente escolar formal, compreendemos que esse tipo de abordagem de ensino do português seja uma das possibilidades do trabalho com a língua a partir do sujeito que por ela se diz. Isso porque, numa perspectiva discursiva, o ponto de partida é sempre uma imbricação entre sujeito, língua e sociedade, na qual sujeitos e sentidos se constituem mutuamente. Nesses termos, salientamos a possibilidade, ainda, de desenvolvê-la nas condições socio-históricas e ideológicas inerentes ao cenário de sala de aula, proporcionando uma desconstrução da suposta superioridade do português padrão e os diferentes falares próprios de nossa história e formação social.

---

<sup>2</sup> O projeto foi desenvolvido e orientado pela Professora Elaine Pereira Daróz, como atividade extensionista na disciplina de Teoria Literária I, no 2º período do curso de Letras (Licenciatura Plena) na Universidade Católica de Pernambuco, onde atua como professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem.

Para melhor compreendermos o deslocamento aqui proposto para o ensino da língua portuguesa numa perspectiva decolonial na relação com o ensino tradicional do idioma, passamos a uma breve discussão sobre algumas nuances do ensino do português no nosso país.

## 2 Língua falada ou língua escrita: o ensino tradicional da língua portuguesa entre a estrutura ou acontecimento

No contexto escolar, aprendemos o (dever)<sup>3</sup> falar segundo as regras de uma língua, como única possibilidade adequada (ou dita correta) de dizer-se no idioma dito materno. Como alguns dos efeitos dessa imposição de um dizer próprio de uma língua padronizada, não raramente observamos o estranhamento, e muitas vezes frustração, dos sujeitos aprendizes à essa língua que se apreende em contraposição à língua que se fala (Daróz, 2018)<sup>4</sup>. Entendemos que esse é um efeito ideológico que naturaliza e hierarquiza a língua oficial em relação à variedade linguística que encontramos em nosso país. Fato que nos traz à cena a imposição da língua portuguesa como língua oficial nos primórdios da nossa história.

Durante o período colonial no Brasil, a imposição da língua portuguesa desempenhou um papel central no processo de dominação e colonização. Em *Colonização linguística*, Mariani (2004) evidencia como a língua portuguesa foi utilizada como uma ferramenta de poder para subjugar as culturas e línguas nativas. Segundo a autora, a imposição do idioma português não apenas serviu para facilitar a administração e exploração colonial, mas também para impor uma hegemonia cultural sobre os povos indígenas, assim como africanos trazidos como escravos. Esse processo não apenas marginalizou as línguas e culturas locais, mas também perpetuou relações de desigualdade e opressão que ainda reverberam na sociedade brasileira contemporânea. A compreensão dessa dinâmica é fundamental para desnaturalizar os discursos hegemônicos e promover uma educação linguístico-discursiva que valorize e respeite a diversidade cultural e linguística do Brasil.

---

<sup>3</sup> Ao trazermos o termo “(dever) falar”, trazemos à cena um dizer prescrito por meio de normas gramaticais, muitas vezes dissociado da realidade do falante, ainda majoritariamente imposto nos bancos escolares; um ensino do português pautado numa hierarquização da língua da Coroa sobre os diferentes falares que constituem nosso povo.

<sup>4</sup> Embora eu traga, em minha tese (Daróz, 2018), uma análise acerca do sujeito aprendiz na sua relação com a língua estrangeira, a partir de experiências como docente, trazemos aqui a relação do discente, especialmente na Educação básica, com o ensino da língua portuguesa formal, na medida em que é possível observar que este sentimento comparece, em grande escala, nos discursos dos aprendizes, gerando um sentimento de não pertencimento a essa língua que, muitas vezes, é traduzido em afirmações como “não sei falar português” dentre outras.

Corroborando a discussão entre a relação entre sujeito e a língua no social, Guimarães (2003; 2002), afirma que a distribuição dos espaços de comunicação acarreta uma hierarquização de línguas e povos, estabelecendo uma relação de superioridade em relação às demais, muitas vezes associada à ideia de civilização, o que influencia diretamente nas políticas linguísticas adotadas por cada Estado ou Nação. Sob essa perspectiva, face à diversidade linguística, a língua nacional é aquela utilizada pelo povo, conferindo-lhe um sentido de coesão e identidade comunitária. Já a língua oficial, por sua vez, é aquela presente em procedimentos formais e legislativos, sendo imposta pelo Estado (Guimarães, 2007). A hierarquia entre as línguas e sujeitos é parte, então, de uma política de línguas que confere prestígio e poder à determinada língua em detrimento das demais.

Sob esse viés, a língua escrita é significada como superior à língua falada em diferentes regiões do nosso país. Compreensão que ecoa nos bancos escolares com um ensino do português a partir de uma dicotomia desses diferentes registros. No entanto, ao pensarmos, e trabalharmos, o ensino-aprendizagem da língua portuguesa numa relação dicotômica entre língua e fala, produzimos um silenciamento da pluralidade linguística e cultural pela qual somos constituídos, reproduzindo um ensino prescritivo de uma língua supostamente superior e de prestígio. Ecos da superioridade da língua da Coroa face os idiomas nativos no período colonial, e que ressoa ainda nos dias atuais. O estranhamento dos discentes em contato com o ensino formal da língua dita materna, então, se daria em relação à prescrição da ordem da língua como única possibilidade de dizer uma língua supostamente homogênea<sup>5</sup> e fechada em si mesma.

Ao estabelecer a relação entre língua (*langue*), o que é social, e fala (*parole*) como um ato individual, Saussure também estabelece a importância do jogo inerente à língua, no qual o movimento dos elementos que compõem o sistema linguístico é produtor de valor (Saussure, 1967). Nesses termos, o valor não está, exclusivamente, na (re)produção de sequências pré-estabelecidas. Além da ordem da língua que é constitutiva do sistema, há também lacunas, brechas que funcionam como um respiro da/na língua, e dizem respeito ao processo de significação e, portanto, inerente à relação entre sujeito, língua e as condições de produção específicas da produção do dizer.

---

<sup>5</sup> Numa perspectiva discursiva, a língua é pensada em sua heterogeneidade, na medida em que é constituída na relação do sujeito com a história e a ideologia (Pêcheux, 1988).

Em *O amor da língua*, Milner (2006) nos possibilita pensar no equívoco de nos ancorarmos nessa supostamente homogeneidade da língua, visto que há na língua um Real, concebido como ponto de impossível apreensão do todo; ela é passível de falhas e, justamente, por elas que comparece o sujeito que (se) fala. O real da/na língua, então, relaciona-se também com a história não enquanto um fato dado, mas os sentidos que dela advêm e que vão produzindo diferentes sentidos a depender da demanda do seu tempo.

Diante disso, compreendemos o que afirma Orlandi sobre a relação entre história e atualidade na (e para a) produção de sentidos. Para a autora (Orlandi, 2003, p.25) “o estudo da linguagem não pode estar apartado da sociedade que a produz [...] os processos que entram em jogo na constituição da linguagem são processos histórico-sociais”. A variedade linguística é resultante de processos históricos e culturais inerentes à constituição de um povo e é manifestada em distintos contextos de comunicação, produzindo efeitos significativos tanto à língua em ação quanto ao sujeito que por ela (se) diz.

Numa perspectiva discursiva, compreendemos que ao produzirmos um determinado discurso, não o fazemos a partir de uma seleção prévia e totalmente consciente de sequências linguísticas a serem utilizadas. Isso porque o nosso dizer é frequentemente produzido a partir da nossa relação com a nossa história e com a língua na qual falamos, bem como das condições de produção nas quais os sujeitos discursivos estão envolvidos no ato da comunicação (Pêcheux, 1988).

Sob essa perspectiva, a Análise do discurso (AD) de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux (1969; 1975), oferece subsídios para o trabalho com língua, na medida em que traz à cena a relação intrínseca entre sujeito, língua e sociedade, promovendo um repensar sobre língua(gem) em sua heterogeneidade com vistas aos equívocos, as falhas, visto que são constitutivos dessa relação.

### 3 Contribuições da AD para o ensino da língua numa perspectiva decolonial

As contribuições da AD materialista à sociedade contemporânea estão no cerne da sua fundação, na França dos anos de 1960. Momento – designado por Le Goff (1990) como Nova História – em que ocorria um movimento de reconfiguração dos estudos sobre o sujeito na sociedade, sobretudo na História, que deixa de focalizar nos grandes heróis e feitos históricos para uma escuta às práticas discursivas cotidianas.

Atento à escuta dos discursos cotidianos, Pêcheux (1969;1988) compreende que os sentidos vão além da língua e inerente a eles estão os jogos de poder. Para o autor, uma abordagem reducionista que concebe a língua apenas como um sistema lógico-formal, utilizado meramente como instrumento de comunicação, tende a ocultar as disparidades e diversidades existentes, visando encobrir as práticas políticas. A língua(gem)<sup>6</sup> se torna, então, uma ferramenta poderosa para a dominação e manutenção do poder (Pêcheux, 2004). Nesses termos, a língua pensada apenas sob uma perspectiva formal do sistema de regras que compõem o sistema, legitima uma série de preconceitos e exclusões daqueles que não se adequam à norma hegemônica, padronizada, portanto, da nossa língua.

Embora haja um movimento de pensar a língua na relação com o social, observamos que mesmo os documentos oficiais ainda privilegiam o texto e(m) suas estruturas linguísticas fechadas em detrimento do discurso. Dessa forma, observamos que compreensão de uma relação dicotômica entre língua e fala entrelaça à abordagem do texto ou discurso nos bancos escolares, legitimado pelos documentos legais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

De acordo com Daróz & Azevedo (2023), apesar de a BNCC ser comumente significada um caráter inovador que é ainda podemos observar que o documento preconiza o privilégio do ensino da língua por meio de textos escritos, com base em uma análise da estrutura textual com base em uma língua historicamente constituída a partir de uma norma dita culta. Compreendemos a própria significação do padrão formal da língua portuguesa como língua culta já expõe o caráter ideológico que hierarquiza a língua da Coroa em detrimento aos diferentes falares que constituem o nosso país.

Nessa tensão entre texto e discurso que se estabelece para o ensino do português, uma questão nos sobressalta: O que é apreender uma língua, afinal?

Sob uma ótica psicanalista, Melman (1992, p.17) expõe a complexidade inerente à aprendizagem de uma língua, e afirma que “saber uma língua quer dizer ser falado por ela, o que ela fala em você se enuncia em sua boca. Conhecer uma língua quer dizer ser capaz de traduzir mentalmente, a partir da língua que se sabe, a língua que se conhece”. Nesses termos, apreender uma língua requer mais do que saber as suas regras e a ordem própria. Para dizer-se na língua

---

<sup>6</sup> Embora Saussure (1967), faça distinção entre linguagem e língua, discursivamente pensamos a um entrelaçamento entre elas, na medida em que o discurso, enquanto efeito de sentidos (Pêcheux, 1988), é concebido a partir da confluência entre esses níveis.

em que se sabe, é preciso também conhecê-la na intimidade, numa relação de identificação com essa língua a partir de seus aspectos históricos, culturais, sociais.

Essa perspectiva ressalta a importância do ensino da língua portuguesa sob uma abordagem discursiva, que considera não apenas o funcionamento linguístico com vistas à estrutura, mas, sobretudo, a compreensão do processo discursivo no (e pelo) qual os sujeitos são afetados ao dizer (se) na língua em suas diferentes condições de produção.

Ao introduzir o conceito de condições de produção à Análise do discurso, um dos princípios fundamentais da teoria, Pêcheux traz à cena a questão da exterioridade como elemento constitutivo na relação entre sujeito e língua. De acordo com Pêcheux (2010) acerca do discurso, objeto de análise da AD materialista, o seu funcionamento não é meramente linguístico tampouco devemos concebê-lo como um texto cujos sentidos emergem da ordem própria da língua, materializada em uma sequência linguística supostamente estável. Sobretudo, ao analisá-lo, devemos levar em atenção os discursos outros que neles se entrelaçam a partir de determinadas condições de produção.

Sob esse viés, os fatores extrínsecos ao funcionamento linguístico operam de maneira significativa no processo de significação, uma vez que sujeitos e sentidos são históricos e se constituem a partir de determinações socio-históricas e ideológicas específicas de cada tempo. Nesses termos, intrínsecas ao processo discurso estão as relações de força constitutivas de todo dizer, bem como os jogos de poder inerentes à tomada de posição de sujeito no discurso.

Em seu livro *O discurso: estrutura ou acontecimento*, Pêcheux (1990) elabora uma análise crítica das correntes linguísticas tradicionais, e defende que a língua(gem) não deve ser compreendida simplesmente como um sistema estático de regras ou como um reflexo direto da realidade social, mas sim como um campo de lutas ideológicas e de produção de sentido. Nesse sentido, o autor propõe uma proposta teórica que visa superar a dicotomia entre estrutura – concebida na superficialidade linguística – e o discurso – acontecimento irrepitível cujos sentidos estão sempre em movimento, fornecendo subsídios para uma análise mais complexa e contextualizada dos discursos e das práticas discursivas, que leve em consideração a relação intrínseca com o poder e a ideologia a fim de desvendar os processos pelos quais os discursos contribuem para a reprodução ou transformação das relações sociais.

Numa relação intrínseca entre estrutura e acontecimento, a Análise do discurso de linha materialista (Pêcheux, 1988) possibilita contribuições para o ensino de línguas no país, na medida em que visa a desconstrução de saberes cristalizados, além da ressignificação de posições

aparentemente fixas no seio social, promovendo uma re-estruturação dos sentidos e sujeitos a partir de diferentes condições de produção.

Numa relação entre língua e cultura, tomando o aporte teórico-analítico da Análise do discurso, observamos, ainda, que o trabalho com a língua(gem) a partir da literatura regionalista pode ser uma possibilidade de ultrapassar os sentidos que afloram na superfície linguísticas e adentrar os sentidos para além do texto, a fim de compreender o jogo da língua na relação entre estrutura e o acontecimento num entrelaçamento entre língua e cultura.

Embora não tenha sido com enfoque o ensino da língua portuguesa, o projeto *Literatura para Todos(as)*<sup>7</sup>, a seguir descrito, permitiu que fossem vivenciadas experiências com a língua e com a história particular de cada participante, a partir de condições de produção específicas, dando-nos melhor compreender as contribuições da Análise do discurso para a ressignificação de valores, transmissão de tradições e identificação do sujeito com a própria língua e história.

### 3.1 Projeto *Literatura para Todos(as)*: a literatura de cordel no entrelaçamento entre língua e cultura

Se pensarmos numa perspectiva de língua fechada em si mesma e totalmente transparente, talvez não nos damos conta da relação intrínseca entre língua e cultura, e os efeitos desse entrelaçamento na constituição dos sujeitos discursivos.

Na perspectiva da AD, a relação entre língua e cultura é fundamental para compreender como os discursos são produzidos, disseminados e interpretados, tendo em vista os aspectos sociais, históricos e culturais nos quais sujeito e língua se constituem mutuamente. Nesse sentido, a língua é vista como um espaço de conflitos e negociações, onde diferentes formações discursivas se confrontam e se entrelaçam. Assim, a análise discursiva busca desvelar os processos pelos quais os discursos constroem e refletem as práticas culturais, evidenciando como as estruturas linguísticas são mobilizadas para expressar e perpetuar valores, crenças e representações presentes em determinada comunidade ou grupo social.

A literatura de cordel é uma manifestação cultural nordestina que foi introduzida pelos portugueses, constituída por livros pequenos que, originalmente, eram vendidos em feiras, pendurados em cordas ou barbantes. Os cordéis são escritos em estrofes, como poemas,

---

<sup>7</sup> O projeto se desenvolveu sob a perspectiva da AD materialista como referencial teórico-analítico, tomando como ponto de partida alguns conceitos, como: sujeito, língua, ideologia e condições de produção, visto que são basilares da teoria.

geralmente com seis versos com a presença de rimas, melodia; de linguagem informal, a literatura de cordel aborda temas diversos, geralmente do cotidiano, ou também sobre o folclore brasileiro, utilizando o humor e crítica social em suas narrativas, que muitas vezes são compreendidas na confluência do texto e as xilogravuras, tornando um ponto de encontro do linguístico e o extralinguístico. Sua circulação ocorre, de um modo geral, por meio de livretos em bancas de jornais, locais que abrigam a cultura popular etc.

Em consideração à relevância da cultura popular, em especial a literatura de cordel, para o ensino de língua portuguesa numa perspectiva decolonial, apresentamos, a seguir, as contribuições da AD para uma teoria em prática, tomando como mote a atividade extensionista inerente ao projeto *Literatura para Todos(as)*.

### 3.2 Uma teoria em prática

A atividade extensionista foi realizada em um espaço geriátrico na cidade do Recife/PE, e teve por objetivo utilizar os cordéis a fim de promover, na (e pela língua), o resgate e reconhecimento da cultura por meio de expressões culturais constitutivas da região do Nordeste e que se fazem presentes no cordel de maneira particular, incluindo o seu encadeamento melódico.

A escolha de cordéis no trabalho com os(as) residentes se realizou em atenção às condições sócio-históricas e ideológicas em que viveram a juventude no Nordeste, em um ambiente extremamente favorável e coincidente com os cordéis: histórias de vidas sobre o cotidiano ou qualquer coisa que se tenha vivido. Sob esse aspecto, compreendemos que a atenção às condições de produção (Orlandi, 2003), à vida dos(as) residentes foi imprescindível para a identificação dos(as) participantes à atividade.

Para tanto, a familiarização com o local e com os(as) participantes, e protagonistas, foi de extrema relevância para a compreensão das expectativas e das demandas a serem trabalhadas durante a atividade. A seguir, temos o cordel *Paezinho Baio, o lampião do agreste* (Fig. 1), do poeta pernambucano José de Medeiros Lacerda (Fig. 2). A escolha do cordelista se deu em função das temáticas regionalistas com que o autor define suas obras que são, de um modo geral, de “cunho educativo, informativo e histórico”<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Fonte disponível em <<https://memoriasdapoesiapopular.com.br/tag/jose-medeiros-de-lacerda/>> Acesso em 10 mar. 2024.

Figura 1: O cordel  
*Paezinho Baio, o lampião do agreste*<sup>9</sup>



Figura 2: O cordelista  
José Medeiros Lacerda<sup>10</sup>



A atividade se realizou em forma de recital, o que proporcionou que os(as) participantes compartilhassem experiências de vida a partir da literatura conhecida e vivida por muitos ali. Isso porque o cordel (Fig. 1) conta a história de um homem com o nome de *Paezinho Baio*, de Garanhuns; uma pessoa esperta e ágil, cujos adjetivos apelidaram-no de Lampião do Agreste. Nesse momento, curiosidades sobre essa literatura, autores cordelistas, aspectos históricos e culturais da região e outras trocas foram realizadas no desenvolver do trabalho.

Isso ocorre porque, segundo Pêcheux (1988), os discursos são produzidos por sujeitos históricos e têm como seu elemento constituinte a exterioridade. Para o autor, é na dinâmica das condições socio-históricas e ideológicas que todo enunciado é passível de se tornar outro, visto que os sentidos não estão relacionados diretamente a um termo, signo linguístico em si mesmo, mas pelas condições de produção que caracterizam um processo discursivo (Pêcheux; Fuchs, 1997).

Ainda segundo Pêcheux (1969), é justamente por esse processo, inerente a todo funcionamento discursivo no qual sujeitos e sentidos se constituem, que o que entra em jogo é a identificação do sujeito na relação com o dizer. Sob esse viés, a escolha da literatura de cordel à atividade possibilitou que os(as) participantes se identificassem com o dizer em jogo, projetando-

<sup>9</sup> Fonte: arquivo pessoal

<sup>10</sup> Fonte disponível em <

[https://img.skoob.com.br/ZcZfZPWnTkxtfF\\_Pe969IZxV5dM=/200x/center/top/smart/filters:format\(jpeg\)/https://skoob.s3.amazonaws.com/autores/27286/27286SK1583471981G.jpg](https://img.skoob.com.br/ZcZfZPWnTkxtfF_Pe969IZxV5dM=/200x/center/top/smart/filters:format(jpeg)/https://skoob.s3.amazonaws.com/autores/27286/27286SK1583471981G.jpg)> Acesso em 10 mar. 2024

se<sup>11</sup> nas personagens vivenciadas na poesia cordelista a partir de suas próprias histórias. Como um dos efeitos desse entrelaçamento entre história, memória e atualidade, uma participante compartilhou a sua experiência com o cordel como o seu primeiro contato com a literatura; além disso, outro participante se voluntariou a recitar um trecho do cordel. Ao final, houve uma salva de palmas por parte dos(as) participantes à equipe envolvida na atividade, comovendo a todos(as) presentes no Espaço Geriátrico.

Ao estabelecer a disciplina Análise do discurso, Pêcheux (1988) traz uma noção de discurso como o que está em curso, cujos sentidos não são apreendidos como um todo, visto que não estão na superficialidade da língua. Sendo assim, o autor nos convoca a ler além das letras, extrapolar a materialidade linguístico-textual para melhor compreender os efeitos de sentidos que no discurso se presentificam. Sendo assim, em continuidade da atividade, as xilogravuras também foram abordadas numa confluência de sentidos com a letra, as histórias que se entrelaçam e o encadeamento melódico característico do cordel.

### Considerações finais

A partir de nossas análises, reiteramos que a literatura de cordel possui uma força transformadora, tanto pessoal quanto social, na medida em que a identificação aos diferentes falares proporciona aos sujeitos um sentimento de pertencimento social, abrindo espaço para trocas de experiências e, por conseguinte, a atualização da memória na relação entre os sentidos historicamente estabilizados na sociedade. Sob esse viés, trabalhar o cordel com os residentes do espaço geriátrico promoveu o resgate dessa literatura rica em cultura, regionalidade, interação social e valorização das trajetórias de vida dos residentes do espaço, assim como um enriquecimento cultural, e linguístico, aos discentes que realizaram a atividade.

A realização da atividade em contexto exógeno à sala de aula possibilitou aos residentes um reencontro com a língua e cultura maternas a partir da sua história, trazendo-lhes uma oportunidade de compreender as nuances da língua cotidiana.

A música regional lá entoada por um dos participantes também foi um fator importante para um ambiente ainda mais acolhedor a todos(as), enriqueceu a atividade uma vez que abarcou a temática de cordéis. A troca de experiências entrelaçada a língua e cultura da região, trouxe aos

---

<sup>11</sup> Para Pêcheux (1969) é inerente a todo processo discursivo a antecipação bem como as regras de projeção, possibilitando que o sujeito estabeleça as relações situações concretas e as representações dessas situações.

discentes a percepção de terem atingido os objetivos do trabalho; fato que contribui para pensarem além das experiências vividas, produzindo novas possibilidades de pensar e viver a língua materna em diferentes espaços enunciativos.

Embora a proposta do trabalho tenha sido a vivência com a língua e nossa literatura, a recepção e acolhimento do trabalho pela gestão do lar, bem como dos(as) participantes, nos possibilitou expandir a compreensão do ensino da língua portuguesa em seus diferentes espaços de enunciação. Uma experiência de vivência com a língua a partir da relação do sujeito com a sua história, tomando em atenção os seus diferentes níveis, quais sejam metalinguístico, afetivo e social. Ao dar voz e vez a esses(as), observamos que houve, ainda, uma reconfiguração dos lugares sociais desses sujeitos participantes frequentemente esquecidos socialmente.

Como um patrimônio imaterial, o cordel é cultura e a sua utilização, como objetos discursivos, proporcionou o resgate da riqueza cultural do Nordeste por meio do compartilhamento das trajetórias e momentos de vida dos residentes do espaço geriátrico, aproximando-os mais da própria língua e história.

Vivemos, historicamente, práticas de exclusão dos diferentes falares que constituem a formação do nosso povo fomentam o preconceito linguístico e social daqueles que não se inscrevem na norma padrão da língua portuguesa. A partir das discussões aqui apresentadas acerca de uma teoria em prática, compreendemos que a Análise do Discurso materialista oferece contribuições significativas ao trabalho com a língua(gem) a partir de uma perspectiva crítica que permite compreender não apenas os aspectos linguísticos, mas também possibilita uma análise mais profunda das relações entre os discursos e as práticas sociais, revelando como a linguagem é utilizada para construir e transmitir valores, identidades e tradições que visam moldar os sujeitos em sociedade. Sob esse viés, a AD fornece, ainda, subsídios para pensar uma perspectiva decolonial do ensino do português com vistas à inclusão social, abrindo novas possibilidades de ser sujeito na contemporaneidade.

<b>CRedit</b>
<b>Reconhecimentos:</b> Não é aplicável
<b>Financiamento:</b> Não é aplicável.
<b>Conflitos de interesse:</b> Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
<b>Aprovação ética:</b> Não é aplicável

Contribuições dos autores:

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. DARÓZ, Elaine Pereira.

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. DOS SANTOS, Kauan Douglas Gama.

## Referências

- DARÓZ, E. P.; AZEVEDO, N. P. G. *Língua falada e (ou) língua escrita? A BNCC e o ensino de língua portuguesa sob uma análise discursiva*. Revista Periferia. v. 15. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/issue/view/2885>> Acesso em 25 fev 2023.
- DARÓZ, E. P. *Do silêncio ao eco: uma análise dos dizeres sobre a língua inglesa e o seu ensino que ressoam no discurso do aluno*. Tese de doutoramento. Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem. Universidade Federal Fluminense. Niterói: EDUFF, 2017. 197 pp.
- GUIMARÃES, E. R. J. Política de línguas na linguística brasileira. In: ORLANDI, E. P. (org). *Política linguística no Brasil*. Campinas: Pontes, 2007.
- GUIMARÃES, E. R. J. *Enunciação e política de línguas no Brasil*. 2003. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11897>. Acesso em 12 mai. 2024.
- GUIMARÃES, E. R. J. *Semântica do acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.
- LE GOFF, J. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- MARIANI, B. C. S. *Colonização linguística: línguas, política e religião no Brasil (séculos XVI a XVIII) e nos Estados Unidos da América (século XVIII)*. Campinas: Pontes, 2004.
- MELMAN, C. *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. São Paulo: Escuta, 1992.
- PÊCHEUX, M. ; GADET, F. *A língua inatingível*. Campinas: Pontes, 2004 [1981].
- PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988 [1975].
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997 [1969].
- PÊCHEUX, M. O discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990 [1983].
- PÊCHEUX, M; FUCHS, C. A Propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas. In: In: GADET, F.; HAK, T.(org). *Por uma análise automática do discurso*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997
- ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2003.
- SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*. Paris: Grand Bibliothèque Payot, Paris VI, 1967.